

GES
PCP

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O 5 DE OUTUBRO e a organização de novas lutas

Está-se tornando habitual que as datas festivas no nosso País se transformem em dias ameaçadores que decorrem num ambiente de tensão, com forças policiais de metralhadoras aperçadas, como em País ocupado. Isto só por si dá a medida do apodrecimento a que chegou a ditadura de Salazar.

O dia 5 de Outubro passou-se sob uma pesada vigilância policial ao longo de todo o País. As semanas que o antecederam foram assinaladas por rugas e prisões em larga escala.

Em Lisboa, de manhã e à tarde grandes forças da PSP e da PIDE fizeram dispersar o povo que se dirigia à tradicional romagem aos túmulos dos republicanos e à estátua de António José de Almeida. Todas as sessões e homenagens foram proibidas.

Pelo que sabemos até agora, o mesmo aconteceu no Porto e noutras terras, onde se impediu qualquer homenagem à revolução republicana. Os pescadores de Matosinhos, contudo, não se sujeitaram a esta imposição e recusaram-se todos juntos a sair para o mar, comemorando assim a gloriosa data do 5 de Outubro. No Barreiro, a alvorada foi assinalada com várias largadas de foguetes, apesar da intensa vigilância.



Ninguém se ilude sobre o significado da pausa nas manifestações políticas de rua. A indignação popular, contida por meio da violência, não tardará em irromper de (continua na 2.ª pág.)

Os operários dos Telefones concentraram-se na empresa e no sindicato

Começa a esgotar-se a paciência dos trabalhadores da Companhia dos Telefones perante as manobras da direcção do sindicato que, por conta dos patrões, tem vindo a arrastar há meses as negociações para um novo contrato de trabalho.

No dia 19 de Setembro, à hora da saída, cerca de mil operários e empregados concentraram-se à porta das oficinas da R. Andrade Corvo numa grande manifestação contra o presidente do sindicato, João de Almeida, e gritando para o administrador que apareceu:

«Queremos aumento! Queremos aumento!»

A direcção da companhia mandou chamar a polícia de choque que apareceu em força para expulsar os trabalhadores; entretanto, estes obri-

garam o presidente do sindicato a prometer que no dia seguinte daria contas à classe da sua acção.

No dia 20, centenas de trabalhadores acorreram à sede do sindicato, enchendo as salas e os corredores. Como o presidente começasse mais uma vez a querer justificar o atraso das negociações, as suas palavras foram abafadas por um coro de protestos:

— Fora! Fora! Não queremos mais mentiras!

— Então já não têm confiança na direcção? — perguntou embaraçado o João de Almeida.

— Não! Não! — gritaram todos.

— Porquê?

— Porque em vez de defender as reivindicações da classe anda a cha-

(continua na 3.ª pág.)

Uma vida salva
Depois duma luta perseverante dos presos de Caxias, das famílias e de muitos outros portugueses, a nossa camarada Cândida Ventura foi finalmente internada numa clínica médica. Cândida Ventura sofre de graves perturbações nervosas com insónias, perda de apetite e de peso, derivadas dos maus tratos que a PIDE lhe tem infligido.

Esta vitória mostra como o caminho da luta é a única forma de arrancar concessões ao fascismo, como indicámos no último «Avante».

Intensifiquemos a acção em defesa da vida de outros presos, como Manuel Rodrigues da Silva e Afonso Gregório.

Intensifiquemos a acção em defesa da vida de outros presos, como Manuel Rodrigues da Silva e Afonso Gregório.

Intensifiquemos a acção em defesa da vida de outros presos, como Manuel Rodrigues da Silva e Afonso Gregório.

Intensifiquemos a acção em defesa da vida de outros presos, como Manuel Rodrigues da Silva e Afonso Gregório.

Intensifiquemos a acção em defesa da vida de outros presos, como Manuel Rodrigues da Silva e Afonso Gregório.

Intensifiquemos a acção em defesa da vida de outros presos, como Manuel Rodrigues da Silva e Afonso Gregório.

Intensifiquemos a acção em defesa da vida de outros presos, como Manuel Rodrigues da Silva e Afonso Gregório.

Intensifiquemos a acção em defesa da vida de outros presos, como Manuel Rodrigues da Silva e Afonso Gregório.

ANTONIO DIAS LOURENÇO

ESTA A SER TORTURADO!

As poucas notícias que temos do camarada António Dias Lourenço, preso pela PIDE em Buarcos a 14 de Agosto, indicam que a sua vida está ameaçada. Sabemos já que foi algemado no momento da prisão e que esteve vários dias na tortura do sono, sendo violentamente socado.

António Dias Lourenço, que há quase trinta anos é militante comunista e que à luta pela libertação do nosso povo se tem dedicado inteiramente, precisa do apoio de todos. Salvai este destacado dirigente do Partido Comunista reclamando que cessem as torturas e espancamentos e que saia da incomunicabilidade!

Os operários da Carris do Porto manifestam-se nas ruas e lutam com a polícia

Nos dias 30 e 31 de Agosto, cerca de mil operários do movimento e das oficinas da Carris do Porto concentraram-se mais uma vez no sindicato e como a polícia os obrigasse a sair, manifestaram-se na rua, gritando «queremos mais pão».

Uma comissão eleita pelos trabalhadores foi falar com 1 engenheiro e expor as reivindicações do pessoal. Tendo a polícia encerrado a sede do sindicato no dia 3 de Setembro, deu-se no dia seguinte uma grande concentração na rua, ouvindo-se os gritos de «Queremos Pão!», «Queremos mais dinheiro!». No dia 5 de Setembro, às 4 horas da tarde, começou de novo a concentração na rotunda da Boavista que estava patrulhada por contingentes da polícia; às 6 da tarde, com a saída do pessoal das oficinas, a concentração aumenta e o engenheiro Caiola dá ordem à polícia para carregar a cassetete sobre os manifestantes, que dispersam.

No dia seguinte comentava-se em toda a cidade a luta da Carris e alguns milhares de pessoas juntam-se

aos operários numa grande concentração. Os operários gritam «Vamos arrambar o sindicato!» e para lá se dirigem acompanhados por muitos outros trabalhadores. Cercados pela polícia e pela PIDE no centro da cidade, travou-se luta, havendo feridos de parte a parte.

O povo do Porto apoia calorosamente a luta dos valentes operá-

rios dos Serviços de Transportes Colectivos e, devido ao ambiente combativo existente, a PIDE teve que libertar alguns manifestantes que tinha prendido. A combatividade dos operários da Carris do Porto dar-lhes-á a vitória desde que se mantenham unidos e vigilantes como até aqui contra todas as promessas e manobras.

Insubordinação num quartel

Continua a espalhar-se nos quartéis a onda de agitação e descontentamento contra a guerra. Os que regressam de África — os desmobilizados, os feridos e também os presos — transmitem aos seus camaradas todo o horror da guerra colonial e o anseio de lhe pôr fim. Os protestos, as lutas e as deserções multiplicam-se.



Nas antigas instalações do Regimento de Artilharia 1, que estão agora transformadas em enfermarias para receber os feridos de Angola, há já tempo que o comandante obrigava os soldados doentes a comparecer na formatura do rancho, o que criava grande descontentamento; começaram a circular papéis dentro do quartel reclamando que acabassem as formaturas para os doentes e no dia 22 de Agosto organizaram-se piquetes que levaram todos os soldados (cerca de 400) a fazer um levantamento de rancho e a concentrar-se na parada protestando. Veio uma força de polícia militar mas os soldados não só não dispersaram como atacaram a soco e pontapé uma major que os ameaçava de pistola em punho. Novas forças tiveram que ser chamadas para dominar os soldados.

A insubordinação causou grande alarme entre as autoridades militares e o próprio ministro do Exército dirigiu a repressão: quase todos os soldados foram castigados, 30 a 40 foram atirados para o Forte de Elvas e outros tiveram alta mas o seu estado de saúde era de tal modo grave que em muitas unidades voltaram a mandá-los para o hospital.

Esta acção é um exemplo de unidade, de iniciativa e de espírito de organização. Apoiai os valentes soldados!

Contra a disciplina, contra os roubos, contra a guerra

* Em CAÇADORES 5 (Lisboa) há protestos gerais contra os treinos e exercícios que são duma violência extrema, ao mesmo tempo que o rancho é miserável. Muitos soldados recusam-se a continuar os treinos e re-

clamam: «Estamos cansados! Dêem-nos de comer!»

* Em ELVAS foram presos durante 5 dias dois aspirantes por estarem no café a falar com cabos milicianos contra a guerra.

* No DEPÓSITO DE ADIDOS os soldados conseguiram que acabassem os roubos dos géneros e que melhorasse o rancho; contudo, o comandante castigou também alguns soldados por a reclamação não ter sido feita «pelas vias regulamentares»; este castigo causou indignação na unidade.

* Em meados de Agosto saíram de TAVIRA 40 milicianos a passar o fim de semana a Lisboa mas, furtos da disciplina, só regressaram ao quartel três semanas depois; sabe-se que foram todos presos.

* No aeroporto desembarcaram em Setembro dois oficiais que vieram algemados das colónias por se recusarem a combater.

APELO aos soldados e marinheiros, aos oficiais e sargentos

Hoje, nas Forças Armadas é geral o ódio à guerra; já poucos acreditam que se possa esmagar pela força a luta dos povos das colónias pela sua independência; já poucos se convencem de que seja «patriotismo» ir dar a vida e exterminar dezenas de milhares de vidas para garantir os lucros das grandes companhias.

A amargura, o descontentamento e a revolta que se acumulam no peito de todos os soldados e marinheiros procura um caminho para se manifestar. É preciso ajudá-los a lutar e a organizar-se! Aproveitai todos os movimentos e protestos para esclarecer os vossos camaradas, para estabelecer ligações, para formar núcleos clandestinos, para acumular forças! Organizai a acção dentro das unidades, desde os levantamentos de rancho, recusai a formatura resistência passiva às ordens, até à insubordinação e à recusa de embarcar para a guerra.

Vencendo todos os riscos, actuai organizadamente contra a guerra e contra a ditadura! Ao vosso lado está todo o povo português que odeia a guerra e quer a paz e a liberdade!

ALARGUEMOS A LUTA DA CLASSE OPERARIA!

GES
PCP

UM EXEMPLO

DE COMBATIVIDADE

No dia 6 de Outubro o gerente da Abel Pereira da Fonseca despediu 6 operários motoristas. Os seus colegas disseram que não iam trabalhar enquanto os outros 6 não fossem também. O gerente dirigiu-se para o escritório, mas um operário, desconfiando que ele ia telefonar à polícia, pôs-se à sua frente e travou-se luta entre ambos; os outros acorreram e deram todos uma sova mestra ao gerente que ficou estendido no chão e teve que ir para o hospital. A polícia entretanto interveio e não deixou sair os operários; os que estavam na venda foram chamados a interrogatório.

Operários da Abel Pereira da Fonseca: a vossa luta contra o gerente perseguidor é um belo exemplo de combatividade. Mas ela ainda não terminou. Não deveis permitir prisões, nem que os vossos camaradas sejam despedidos. Se necessário for recorrer às paralizações de trabalho em greve.

OS PESCADORES EM LUTA

Por ser feriado no dia 15 de Agosto os pescadores de Matosinhos recusaram-se a ir para o mar. Os armadores quiseram intimidá-los e veio a Polícia Marítima, a Guarda Fiscal, a PSP e a Pide, mas os pescadores não se amedrontaram e continuaram a recusar a ir para as traineiras. A polícia começou a pancada e os pescadores responderam. Travou-se luta e houve feridos de ambos os lados. Mercê da sua luta firme e unida os pescadores venceram e não foram para o mar.

No dia 5 de Outubro, aniversário da implantação da República, os pescadores recusaram-se novamente a ir para o trabalho.

Valentes pescadores de Matosinhos: a luta unida e organizada é o caminho mais seguro para fazer valer as vossas reivindicações e resistir às pretensões dos armadores que vos procuram explorar por todas as formas. Em breve começa o defeso e com ele dificuldades ainda maiores. Deveis desde já discutir entre vós as condições para a próxima campanha e a necessidade dum novo Contrato Colectivo de Trabalho. É necessário, no entanto, que esta luta se alargue a todos os pescadores do país.

Levemos avante A CAMPANHA DOS MIL CONTOS

A campanha lançada pelo Secretariado do C.C. do nosso Partido para a recolha extraordinária de mil contos no período Outubro-Fevereiro, foi já discutida em muitos organismos, que tomam os seus compromissos para a campanha.

É preciso que desde já se lancem iniciativas, se distribuam os cupons e as listas de subscrição para que no próximo número do «Avante!» possamos registar já as primeiras rubricas.

OS MINEIROS e a sua luta

Os mineiros de Aljustrel estão de novo a lutar por aumento de salários; pedem 8\$00 de aumento geral. No fim de Agosto, foi um grupo de mineiros ao sindicato expor as suas reivindicações. O problema está a ser muito discutido entre o pessoal.

Nas Minas da Panasqueira, foram ultimamente despedidos cerca de 600 trabalhadores, alguns com mais de 20 anos de casa. A concessionária das minas, a companhia inglesa «Beralt Tin & Wolfram L.T.», lança-os agora no desemprego porque os preços internacionais do vulfrâmio já não lhe permitem os ganhos fabulosos do tempo da guerra. Pelas mesmas razões, encerraram também as minas da Borralha onde se empregavam mais de mil trabalhadores, e têm encerrado outras minas mais pequenas.

A luta nos campos

TRABALHO, MAIORES JORNAS E JORNADA DAS 8 HORAS

—reivindicam os operários agrícolas

Em todo o Alentejo há muitos milhares de operários agrícolas desempregados. Como sempre, o peso da crise cai sobre os ombros dos trabalhadores, que organizam concentrações reclamando trabalho e se batem em defesa das 8 horas.

—Avis— Mais de 100 trabalhadores concentraram-se na Câmara exigindo trabalho, as 8 horas e 30\$. O presidente da Câmara e o tenente da GNR, ameaçaram-nos e como os trabalhadores não estivessem unidos, dispersaram.

—Montemor-o-Novo— Em Agosto concentraram-se na Câmara 150 trabalhadores reclamando trabalho e as 8 horas. Como o presidente lhes arranjasse trabalho a 25\$ e 10 horas, não aceitaram e no dia 4 de Setembro concentraram-se na Casa do Povo mais de 200 homens exigindo trabalho, 4\$00 à hora e as 8 horas. Como aqui não resolveram nada, uma comissão de 16 voltou à Câmara, travando-se discussão com o Presidente. A luta continua.

—Nesta terra, o agrário fascista João Nunes tentou tirar as 8 horas a um rancho de 100 operários na ceifa do arroz; em resposta, os trabalhadores começaram a produzir menos e o agrário teve que aceitar as 8 horas.

—Baleizão— Em Agosto foi enviada ao Ministro das Corporações uma exposição com mais de 400 assinaturas reclamando trabalho, as 8 horas e melhores salários.

—Alcácer do Sal— O agrário João Nuncio tentou obrigar 20 operários agrícolas a trabalhar de sol a sol numa máquina debulhadora, pagando apenas 27\$00, mas a resposta foi que só pegavam no trabalho com as 8 horas.

O agrário mandou logo chamar a GNR e a PIDE que levaram 6 homens para o posto onde os interrogaram durante um dia inteiro. Por fim, tiveram que os pôr em liberdade e a máquina começou a trabalhar com o horário das 8 horas.

—Os donos da herdade de Palma

A LUTA NOS TELEFONES

(continuação da 1.ª pág.)

mar agitadores aos que lutam pelos seus direitos!

Estrondosas salvas de palmas e gritos de incitamento apoiaram estas palavras; num ambiente de grande entusiasmo, os trabalhadores reclamaram que as negociações com a companhia incidissem imediatamente sobre os dois pontos fundamentais: aumento geral de vencimentos e o 13.º mês, deixando para trás as questões secundárias. A assembleia só foi encerrada quando a direcção prometeu dar contas no prazo dum mês desta decisão da classe.

Porém, mais uma vez o presidente do sindicato mostra que é um verdadeiro capacho dos patrões: no dia 25 de Setembro distribuiu uma cir-

cular em que volta atrás com o compromisso tomado e em que aconselha aos trabalhadores resignação e paciência! A indignação é grande e o pessoal está resolvido a expulsar da direcção do sindicato o miserável João de Almeida, que se vendeu aos patrões a troco duma promoção e dum cargo remunerado na Caixa de Previdência.

Organizando novas concentrações na empresa e no sindicato para discutir a continuação da luta, os trabalhadores dos Telefones conseguirão esclarecer e animar os hesitantes, manter todos unidos, travar a acção da PIDE e assim, sem se deixarem enganar, obrigarem os grandes capitalistas ingleses que lhes exploram o trabalho a atenderem as suas reivindicações.

A exploração dos seareiros

Todos os anos deslocam-se para o centro do Ribatejo 1.500 seareiros com as suas famílias a cultivar tomates por conta das fábricas de conserva que há nesta região. Os industriais arrendam terras aos proprietários para depois as arrendarem de novo aos seareiros em talhões e abonam-lhes as plantas, adubos, aluguer de motores de rega e 100\$00 por semana para a alimentação de cada família.

Durante os 6 a 7 meses que dura o cultivo, os seareiros esfalfam-se a trabalhar, passam toda a espécie de privações e dormem em cabanas de colmo. Mesmo assim, se a seara está fraca, o fiscal dos industriais corta-lhes nos 100\$ para a alimentação, deixando-os passar fome.

Quando chega a colheita, o seareiro tem que vender toda a produção aos donos das fábricas que lhe pagam a \$50 e \$45 o quilo, fora o que põem para refugio e que já não deixam o seareiro levantar. Depois de descontar a renda da terra, a despesa de plantas, adubos, motores e os abonos para a alimentação, o seareiro regressa à sua terra com umas magras economias, se é que não vai ainda mais miserável do que veio. Entretanto, as fábricas fazem bons lucros à custa do seu trabalho.

A situação destas 1.500 famílias ribatejanas é um exemplo da servidão a que estão a ser reduzidos os camponeses pobres do nosso país subjulgados na engrenagem das grandes empresas capitalistas. O caminho para os seareiros se libertarem da exploração e da miséria é o caminho da luta unida em defesa dos seus direitos e pelo derrubamento da ditadura de Salazar. Só um regime democrático poderá dar aos camponeses de Portugal uma Reforma Agrária que lhes assegure melhores condições de arrendamento, lhes permita organizarem-se em cooperativas e lhes garanta a ajuda do Estado.

Rádio Portugal Livre

Transmite diariamente das 14,10 às 14,40 e das 21,15 às 21,45 em ondas curtas de 26,31 e 32 m. e 26 metros respectivamente.

CHOQUE

entre os camponeses e a polícia NA MADEIRA

Nas freguesias rurais da Madeira existe já há meses grande indignação por as autoridades terem desviado a água das «levadas» (pequenos cursos de água) para fazer aproveitamentos hidroeléctricos, de modo que os camponeses passaram a ter a água para as regas só a certas horas e ainda por cima têm que a pagar.

Há cerca de dois meses, na freguesia da Ponta do Sol, não muito distante do Funchal, 150 mulheres resolveram impedir o desvio da água, ocupando as «levadas». As autoridades mandaram chamar uma força do exército mas o comandante recusou-se a intervir contra as mulheres. Surgiu então uma força da PSP, com capacetes de aço e pistolas-metralhadoras que pretendem dispersar as camponesas; na luta que se travou foi morta uma rapariga com um tiro e um polícia ficou gravemente ferido por ter sido lançado num precipício, foram feitas muitas prisões e o ambiente na ilha é de tensão.

Povo da Madeira! Continuai a luta contra os expliadores das vossas terras! Reclamai a libertação dos presos!

LEVANTEMOS-NOS CONTRA A GUERRA

Crónica internacional

A Declaração soviética alerta os povos

Nos últimos tempos, os meios imperialistas dos Estados Unidos têm conduzido uma verdadeira campanha para agravar a situação internacional. As provocações em Berlim, as incursões de aviões-espiões U.2 sobre o território soviético e chinês, as ameaças sobre Cuba e por último a decisão de convocar 150.000 reservistas, são medidas que podem arrastar o mundo para a catástrofe da guerra.

A declaração soviética de 11 de Setembro adverte solenemente os governos americanos de que não podem pensar que um ataque contra Cuba ficaria impune. «Na realidade, se tal agressão for cometida, será o desencadear duma guerra», diz a declaração soviética que anuncia que foi ordenado ao ministro de Defesa para que as forças armadas soviéticas se mantenham no mais elevado grau de preparação para combater.

A declaração soviética sublinha que só é possível evitar um conflito armado e preservar a paz desde que os Estados Unidos e os seus aliados deixem de recorrer a provocações pensando poder esmagar o campo socialista. Uma política dessas só pode dar mau resultado porque o campo socialista dispõe de possibilidades e forças que não são inferiores às dos imperialistas.

O governo soviético deseja cooperar com todos os governos do mundo para a defesa da paz. Mas para que a paz seja garantida é necessário que se estabeleça um acordo para a suspensão das experiências nucleares, que se caminhe para o desarmamento geral e total sob rigorosa fiscalização, que seja concluído um tratado de paz alemão e que cessem as provocações dos imperialistas.

Só a acção decidida dos povos — e do povo português também — pode levar a cabo a grandiosa tarefa de tornar impossível uma nova guerra mundial.

Derrota dos colonialistas

No dia 1 de Outubro a Holanda cessou o seu domínio sobre o Irian Ocidental (Nova Guiné Ocidental), depois de ter ali conduzido durante anos o guerra.

Os guerrilheiros do Irian venceram as esquadras e os aviões holandeses porque lutavam pela liberdade da sua terra e contavam com o apoio de todo o povo indonésio e dos povos do mundo. E assim, os colonialistas holandeses que ainda há um ano tinham um prazo de 10 anos para «preparar» gradualmente o Irian Ocidental para a independência, viram-se obrigados a abandonar aquele território.

Depois da Argélia, o Irian Ocidental mostra que é impossível aos colonialistas continuarem a subjugar os povos, seja por meio da guerra, seja com «reformas». Isto é verdade também para Angola e as outras colónias portuguesas que em breve conquistarão a liberdade.

Cada vez mais áspere e sangrenta, a guerra colonial larga-se a todas as colónias portuguesas em África.

ANGOLA — Têm-se travado duros combates em que os guerrilheiros aparecem com bom armamento, organizados e enquadrados. Em NOQUI, foi dizimada em Junho uma secção inteira do exército. Numa batida ao norte de Luanda, de 48 soldados que partiram, só regressaram 8. Isto obriga as tropas a concentrar-se mais, porque os pequenos destacamentos já não têm condições para se defender. De todo o lado vêm notícias do descontentamento e protestos contra as missões arriscadas, contra a má comida e o atraso no pagamento do pré; o moral das tropas é baixíssimo, bastantes soldados enlouquecem e para Lisboa seguem continuamente homens feridos e mutilados. O ambiente geral é de que «as coisas vão de mal a pior.»

A guerra nas colónias não é só a origem de crimes, de ruínas e do descrédito internacional para o nosso país; ela está também destroçando os sentimentos humanos duma parte da nossa juventude que nesta guerra imunda se corrompe e se bestializa.

Numa carta que veio de Bissau (Guiné) em Setembro, lê-se:

«Afinal os terroristas nunca mais vem, só às vezes é que os caçadores especiais saem para o mato e trazem em camionetas cheias; estão as prisões cheias, já não cabem mais e já mataram mais de centenas de deles e agora, aos que estão presos, pedem voluntários para lhes serem porreda, até lhes picam os olhos; eu também já me cansei duas vezes a dar porreda, até a pele lhes saltou.»

Lutar pelo fim da guerra, reclamar que cessem as torturas e massacres e que regressem os soldados, é um dever de consciência para todos os portugueses, é uma tarefa patriótica.

O 5 DE OUTUBRO

(continuação da 1.ª pág.)

novo em grandes acções contra a guerra, contra a fome, contra o terror.

Essa indignação está-se manifestando já diariamente nas valorosas acções da classe operária que, lutando por melhores condições de vida, entra em choque com a ditadura e mais uma vez se coloca à cabeça de todas as forças patrióticas; ela toma forma também na agitação entre os soldados e no movimento da juventude.

O movimento anti-fascista nacional, que vem dando desde há 1 ano grandes passos em frente, precisa preparar-se para novas etapas decisivas, consolidando as vitórias dos últimos meses, quer dizer, resistindo à repressão e travando a ofensiva do inimigo, prosseguindo com persistência na organização por toda a parte das juntas patrióticas, combatendo a anarquia e a aventura, chamando à luta pelos seus interesses e aspirações as mais amplas camadas da população.

Destá forma, novos milhares de combatentes anti-fascistas serão esclarecidos e treinados nas lutas parciais e reforçarão as fileiras do nosso movimento, levando-o a batalhas decisivas pela liberdade.

A recente demissão do governador Venâncio Deslandes e do general Pinto Resende é mais um sintoma da crise que se aprofunda nos meios fascistas quanto à continuação desta guerra que vai aparecendo aos olhos de todos como impossível de sustentar e condenada ao fracasso.

MOCAMBIQUE — No norte da colónia, onde o partido clandestino UDENAMO (União Democrática Nacional de Moçambique) tem o apoio de 60 mil africanos, está a intensificar-se a repressão e a luta.

Em Porto Amélia a situação é tensa e a população branca recia uma sublevação dos africanos; estes recusam-se a trabalhar e fogem em grupos para o mato; tem sido várias vezes cortada de noite a energia eléctrica à cidade e as casas dos brancos são apedrejadas.

As autoridades cometem toda a espécie de crimes e está aqui a repetir-se a barba de tantas vezes feita em Angola: africanos apanhados na região de Vila Cabral quando tentavam fugir para a Niassalândia têm sido metidos em aviões militares e lançados ao mar! Apesar de todas as atrocidades, reforça-se o movimento libertador e há tempos a aviação foi chamada para bombardear uma região onde actua milícias armadas de moçambicanos.

O ambiente em Lourenço Marques é de confusão e descontentamento; o Plano de Fomento continua no papel, os capitais retraem-se, ninguém se sente seguro. O exército, de 15 mil homens, está em grande parte a fazer serviço de polícia, vigiando e prendendo todos os suspeitos. Tem havido levantamentos de rancho e muitos soldados, descontentes com a vergonhosa tarefa que lhes é atribuída, têm desertado para o Tânger.

GUINÉ — A luta intensifica-se e estão a formar-se forças da guerrilha no interior. Como já é hábito, para tentar travar a luta do povo, a PIDE e o exército cometem crimes sem conta; nas aldeias aparecem frequentemente, pelos caminhos e pendurados em árvores, os corpos mutilados de patriotas guineenses. Tem havido muitas deserções do exército.

Portugueses!

A PIDE e as autoridades procuram por todos os meios impedir o povo de manifestar a sua aversão à guerra. Mas é preciso romper a repressão, é preciso erguer, custe o que custar, um forte movimento contra a guerra! Juntemos todos os que estão dispostos a fazer qualquer coisa, comecemos pelas pequenas acções e em breve poderemos passar às grandes lutas.

- * Formai grupos de agitação e propaganda contra a guerra!
- * Apoiar e ajudai os soldados que se recusam a embarcar para as colónias!
- * Ligai umas às outras as famílias dos soldados para que se unam e organizem a reclamar o regresso dos seus filhos!
- * Organizai exposições e protestos contra os impostos de guerra!

Todos unidos para acabar com a guerra colonial!

AOS HOMENS DA P.S.P. E DA G.N.R.

Nas últimas manifestações dos operários da Carris do Porto mais uma vez a polícia foi lançada ao lado da PIDE para espancar e prender os trabalhadores que reclamavam mais pão. Por todo o país, a P.S.P. e a G.N.R. são utilizadas para intimidar, perseguir e prender todos os que se opõem à ditadura de Salazar.

Contudo nestas forças repressivas há elementos honestos, que compreendem que a sua acção é odiada pelo povo. Ainda recentemente só numa esquadra de Lisboa houve 6 guardas da PSP que desertaram; outros procuram demitir-se; e muitos fazem resistência passiva às ordens para atacar o povo desarmado.

Para estes coloca-se cada vez com mais premência a necessidade de se unirem e de encontrarem a forma de ajudarem a luta popular, e não prosseguirem com uma acção que é condenada por todo o país.

O povo nunca esquecerá os crimes cometidos por homens como o tenente Carrajola (GNR), o soldado da GNR António de Sousa, os sargentos da GNR Francisco Pires e Francisco Ronge, o sub-chefe da PSP de Almada, o sargento Cavaco da GNR, etc. Estes e outros criminosos serão castigados.

Mas o povo sabe reconhecer e acarinhar igualmente as acções dignas dos elementos honestos da P.S.P. e da GNR, como foi o caso do soldado da G.N.R. Jorge Alves, que ajudou a libertação de Álvaro Cunhal e de outros comunistas.

Ante os homens honestos da PSP e da GNR coloca-se um dilema:

— Ou, vencendo todas as dificuldades fazem um trabalho de es-

clarecimento e de organização anti-salazarista para, desse modo, ajudarem a luta de todo o povo e não colaborarem em mais crimes;

— Ou, seguindo servilmente as ordens criminosas dos salazaristas, agridem e disparam sobre o povo, e nesse caso colocam-se no campo dos inimigos do povo, no campo fascista.

Chamamos mais uma vez, todos os homens honestos das forças repressivas a tomarem a única posição humana que é também a defesa do seu próprio futuro: recusai-vos a disparar contra o povo!

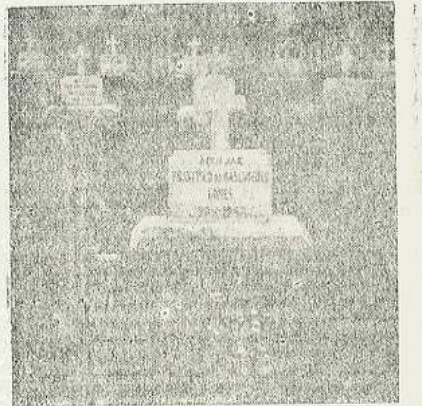
Nem um só preso para o TARRAFAL!

Em fins de Outubro de 1936, um navio desembarcava em Cabo Verde 152 presos políticos deportados pelo governo de Salazar. Entre eles contavam-se militantes operários, marinheiros da Armada, intelectuais, jovens de 16 e 17 anos. Levados para uma parte desértica da ilha de Santiago, esses patriotas foram encerrados em barracões num campo cercado de arame farpado: era o Tarrafal.

Muitos desses deportados não mais voltaram a Portugal; vítimas das febres, dos maus tratos e trabalhos forçados, lá perderam a vida. Dezenas de campos num cemitério abandonado assinalam os seus nomes: Bento Gonçalves, Alfredo Caldeira, António Guerra, Francisco do Nascimento Esteves, António de Jesus Branco, Mário Castelhanos e tantos outros.

O campo de concentração do Tarrafal foi encerrado porque o povo português assim o exigiu. Mas hoje o governo de Salazar está ali concentrando presos angolanos e guineenses e quer para lá deportar novamente os presos políticos portugueses. As diligências das famílias dos presos, as autoridades dão respostas evasivas; e recusam-se a publicar um desmentido; entretanto, no Tarrafal fazem-se obras e preparam-se alojamentos.

Portugueses! Não consintamos que Salazar mande outra vez os melhores filhos do povo a morrer no campo de concentração.



NÃO ESQUEÇAMOS!

Rádio Moscovo
MOSCOVO: Diariamente, em português, das 17,30 às 18 e das 19,30 às 20 horas plus ondas de 31,41 e 49 metros.

SAUDEMOS A CONFERENCIA EUROPEIA PRO-AMNISTIA

grandiosa jornada de solidariedade à luta do povo português



Realiza-se a 3 e 4 de Novembro em Paris a Conferência Europeia Pró-Amnistia em Portugal. Centenas de pessoas, representantes ilustres de numerosos países da Europa irão conhecer melhor a situação que se vive em Portugal, as perseguições, arbitrariedades e violências a que estão sujeitos os lutadores anti-fascistas, e exprimir a sua solidariedade e apoio activos à luta do povo

português. A Conferência será uma contribuição muito valiosa para a causa democrática em Portugal, abrirá mais largas perspectivas ao movimento pela Amnistia no nosso país e terá certamente efeitos benéficos na situação dos patriotas presos.

SAUDAÇÕES E MENSAGENS

Têm sido enviadas para a Conferência numerosas mensagens, saudações e relatos sobre a repressão. Um grupo de presos que estão em «medidas de segurança» enviou uma mensagem na qual se diz: «Denunciamos esta monstruosidade: manterem-se os cidadãos presos, não pelo que fizeram, mas por aquilo que a PIDE pensa que possam vir a fazer!»

A mensagem dos presos numa sala do Forte de Caxias afirma: «Conhecemos o tribunal burlesco da sentença já feita, com um calabouço onde se espancam presos que desmascaram torturas. Conhecemos as salas onde as penas são cumpridas, salas para sete mas onde se amontoam dezaisséis, durante 23 horas e meia».

Os patriotas angolanos e indianos presos em Portugal, irmanados na luta e na dor com o povo português, também enviaram mensagens à Conferência.

Têm chegado de vários lados saudações de famílias e perseguidos políticos. Uma mãe escreve: «Sou mãe, os meus filhos ainda jovens tiveram de fugir de minha casa para não serem presos. Hoje não sei deles. Há dezenas de outras mães que têm os seus filhos na cadeia, sofrendo as torturas dos bandidos da PIDE.» Os trabalhadores do Couço relatam: «Nós aqui no Couço temos sofrido muito com a repressão fascista de Salazar. A nossa terra tem sido assaltada por uma força da PIDE e da GNR e foram presas 15 pessoas, 10 homens e 5 mulheres.» Outra saudação: «Tenho apenas 14 anos. O meu pai e a minha mãe estão há meses presos. Sinto muito a falta deles». Outra ainda: «Sou mulher. O meu marido está preso há dois anos em Peniche e com medidas de segurança. Na minha terra há casas fechadas pois os moradores estão em Caxias».

Continuemos a fazer chegar à Conferência mensagens e documentos sobre a situação em Portugal.

Viva a Conferência Pró-Amnistia!

270 anos de prisão!

O terrorismo político do regime de Salazar só se avalia bem quando nos debruçamos sobre as vidas de patriotas destroçadas por anos e anos de cárcere.

Dos anti-fascistas que actualmente se encontram presos destacamos alguns nomes com os anos de prisão até agora cumpridos:

Manuel R. da Silva	23 anos
João Valentim	22 »
Manuel Guedes	16 »
José Vitoriano	11 »
Severiano Falcão	11 »
Carlos Costa	8 »
José Magro	8 »
Américo de Sousa	8 »
Joaquim Pires Jorge	7 »
Adolfo A. Ramos	7 »
Dr. Humberto Lopes	6 »
António Dias Lourenço	5 »
Aida Magro	5 »
Ivone Dias Lourenço	5 »
J. Diogo Velez	5 »
Aida Paula	5 »
António R. de Lima	5 »
Júlio Martins	5 »
Luis Nogueira	5 »

Basta-nos somar os anos de prisão já cumpridos por 50 presos (entre tantas centenas), para atingirmos a soma de 270 anos!

GREVE DA FOME EM PENICHE

Há pouco tempo os presos declararam-se em greve da fome por falta de assistência médica a um camarada. Ao fim de um dia obtiveram a vitória, pois o médico viu-se forçado a comparecer. Durante a greve o director apareceu para afirmar que «com a sua pistola estava disposto a matar alguns».

O fascismo procura dividir os presos mas estes, nas mais duras condições, dão belos exemplos de solidariedade e firmeza. É necessário que a luta dos presos se una à luta das famílias contra as arbitrariedades dos seus algozes e receba ao mesmo tempo o apoio activo da população.

PROTESTAI EM TODO O LADO contra as torturas da PIDE

Augusto Lindolfo que actualmente se encontra no Forte de Caxias, foi agredido à coronhada no momento da prisão, ficando ferido na cabeça; ao chegar à sede da PIDE em Coimbra foi espancado por 10 agentes da PIDE durante meia hora. A 18 de Junho, na sede da PIDE durante um interrogatório, como tentassem obrigá-lo a fazer a «estátua», deitou-se no chão; então os agentes da PIDE Aguiar, Santos Correia e Parra Rodrigues pegaram nele várias vezes, erguendo-o ao ar e deixando-o cair desamparado no chão. Ao fim de 5 dias e noites sem dormir, os pides bateram-lhe barbaramente com um cassetete de borracha durante quase 3 horas, na cabeça, ombros e costas, que alguns sítios ficaram em carne viva, deixando-o prostrado; no dia 25 de Junho, passados já 7 dias, sem dormir e a sofrer espancamentos constantes, Augusto Lindolfo foi ainda agredido a murro pelo agente Tinoco, que dirigiu o «interrogatório».

João Honrado, preso em 25 de Abril em Coimbra foi levado para a sede da PIDE naquela cidade e começou logo a ser espancado. Embora dissesse que é tuberculoso pulmonar, continuaram a bater-lhe no peito e nas costas e a dar-lhe socos no estomago com tal brutalidade que o deixaram desmaiado; depois de recuperar os sentidos esteve ainda uma hora sem o uso da fala. Passou mais de um mês numa «gaveta» do Aljube, sem visitas, sem correspondência e até sem roupa para mudar e foi interrogado e ameaçado de morte na sede da PIDE pelos criminosos Tinoco e São José Lopes. Devido às torturas e espancamentos sofreu forte abalo nervoso que o levou à beira-da loucura.

José Bernardino foi agredido à coronhada na altura da prisão. Estive na PIDE sem dormir desde 26 de Maio a 4 de Junho e depois, de 4 a 11 de Julho, fazendo ao todo 16 dias na tortura do sono. De ambas as vezes foi muito espancado a murro e com um cassetete, a tal ponto que teve de vir em braços semi-inconsciente para a «gaveta» do Aljube, onde esteve incomunicável durante dois meses. As torturas provocaram-lhe perturbações nervosas e a surdez.

Os casos que citamos mostram bem o heroísmo destes três patriotas a quem a PIDE não conseguiu arrancar quaisquer declarações apesar das torturas. Ninguém se deve esquecer que enquanto vivemos a nossa vida diária estão a ser torturados barbaramente os melhores filhos do nosso povo que deram todas as suas forças à luta por um futuro melhor. É absolutamente necessário que se saiba que os presos saíam dos interrogatórios completamente arrasados pelas torturas e espancamentos que não poupam sequer as mulheres, como foi o caso de Custódia Chibante.

Só há uma forma de defender a vida dos presos: é desencadear, nas suas terras, nos seus locais de trabalho, ou estudo, um forte movimento de solidariedade e protesto, chamando a esse movimento, não dezenas, mas centenas e milhares de pessoas de todas as tendências. Apelo para os sentimentos humanos de todos os portugueses, dando-lhes a conhecer o que sofrem na PIDE os seus conterrâneos, companheiros de trabalho ou amigos e pedindo que colaborem em abaixo-assinados, cartas, comissões de solidariedade, concentrações, apoio moral e material aos presos.

NOVA VAGA de prisões

O salazarismo procura resolver a grave crise que atravessa fazendo cair sobre as massas populares todo o peso do seu aparelho de repressão. Operários, camponeses, estudantes, intelectuais, comunistas, socialistas, católicos, simples democratas, todos são alvo da fúria repressiva de Salazar que não hesita em espalhar o terror e empregar os métodos mais violentos. Na MARGEM SUL já passaram pelas prisões, desde fins de Abril, mais de 200 pessoas, estando ainda presos actualmente cerca de 80 trabalhadores, empregados e intelectuais. A PIDE exhibe-se nas ruas do BARREIRO; a GNR identifica pessoas, revista carros.

No ALENTEJO houve nos últimos meses, mais de 150 prisões, no Couço, Aljustrel, Coruche, Avis, Ervidel, Alcácer do Sal, Ermidas, Montemor-o-Novo, Pias. Foram recentemente presos em Beja 30 democratas por estarem reunidos num pic-nic no campo. Certas terras como o Couço, Aljustrel, Ervidel, são alvo especial das forças repressivas que aí espalham o terror, revistam pessoas, assaltam tabernas e cafés, patrulham as ruas e os campos próximos com cães-polícias.

Em COIMBRA houve em Agosto nova vaga de prisões. Foram presas 50 pessoas, na maioria operários e estudantes, e o conhecido escritor Joaquim Namorado.

Têm sido presos ultimamente no PORTO algumas dezenas de jovens empregados e estudantes.

A vaga de prisões atingiu também LISBOA e os arredores. Em Lisboa foram presos numerosos enfermeiros, alguns motoristas de táxi, operários de várias empresas da zona do Foco do Bispo, onde têm sido feitas rusgas a cafés e revistas pessoas. Em SACAVEM houve também uma dezena de prisões. Foram recentemente presos os intelectuais Nikias Scapinakis e Urbano Tavares Rodrigues.

São constantes as exigências, pressões e ameaças sobre cooperativas, cineclubes e outras organizações. As direcções são demitidas e os seus membros presos, como aconteceu com o Dr. Gaspar Teixeira, director da cooperativa «Diálogo», e com dirigentes da Cooperativa Barricense e do Clube Académico e Cineclubes do Barreiro.

Apelo para todos os portugueses para que multipliquem as acções contra a repressão: abaixo-assinados, concentrações, manifestações, solidariedade e defesa dos presos no acto da prisão, etc. O povo português reclama numa só voz: BASTA DE TERROR POLICIAL SALAZARISTA! BASTA DE DITADURA FASCISTA DE SALAZAR!

AS MEDIDAS DE SEGURANÇA TÊM QUE ACABAR!

Dezenas de patriotas, muitos deles com as penas já cumpridas, vêm passar-se os anos por detrás das grades das prisões fascistas, sujeitos às arbitrárias «medidas de segurança» que a PIDE renova indefinidamente ao seu belo prazer, num regime prisional que é único no mundo.

Quando aumenta a pressão da opinião pública para a libertação dum preso em «medidas de segurança», a PIDE finge aceder mas impõe condições infames, como a de que o preso calunie o seu passado político e renegue as suas ideias. Num desses compromissos chega-se ao ponto de exigir ao preso que «não facilite ou colabore em reuniões de carácter político nem frequente locais onde se suspeite que tais reuniões venham ou possam vir a efectuar-se!»

Os presos, as famílias e os seus advogados e todos os portugueses devem desmascarar e lutar contra esta nova afronta da polícia à dignidade dos patriotas.

Exijamos a imediata libertação de todos os presos com a pena cumprida! Exijamos o fim das ilegais «medidas de segurança»!